

## Reseñas de publicaciones

### ***Pesca e Turismo: Etnografias da Globalização no Litoral do Atlântico Sul.***

Rial, C. e Godio, M. (Orgs.). Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC. 2006.

ISBN: 85-60501-00-2

### **Roque Pinto**

roquepintosantos@gmail.com

Universidad de La Laguna (España)

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) (Brasil)

Desde um ponto de vista superficial, os pontos de tangência entre turismo e pesca se resumiriam à prática do turismo esportivo, especialmente na sua versão náutica, e à presença de pescadores como parte da paisagem turística, atribuindo-se-lhes um papel coadjuvante dentro de um cenário idealizado (Peralta, 2003), como se pode ver em capitais litorâneas do nordeste brasileiro como Natal, João Pessoa, Maceió ou Fortaleza.

Contudo, verificam-se empiricamente intersecções, relações e imbricamentos menos óbvios entre turistas e pescadores, a começar pelas consequências sócio-culturais, econômicas e ecológicas derivadas da implantação de equipamentos turísticos em zonas costeiras (Vera Galván, 1988; Cáceres Morales, 2001; Bergasa Perdomo, 2004).

De fato, o estabelecimento de uma estrutura imobiliária turística no espaço de uma comunidade haliêutica já produz *de per se* uma série de conflitos que envolvem disputas por recursos e, sobretudo, estratégias políticas e econômicas direcionadas para o controle do território (Pascual Fernandez e Santana Talavera, 2003), cuja materialidade imediata pode ser constatada pelo menos no avanço dos hotéis sobre as praias, na

interferência – deliberada ou involuntária – dos turistas sobre as atividades de pesca (Hernández Armas, 1994) e nas alterações ecológicas produzidas pelo rápido incremento de uma população flutuante gerada pelo turismo (Galván Tudela, 2002; Pascual Fernández, Medina y Modino, 2005).

Por outro lado, a literatura sobre o tema indica a tendência a uma crescente dependência econômica dos pescadores em relação ao sistema turístico, não só com o estabelecimento de oligopsônios e redes de intermediários que impedem o fornecimento de pescado para terceiros, como também com um comprometimento cada vez maior das unidades familiares locais em atividades de serviço que se estabelecem nas franjas do turismo, registrando-se inclusive a perda de conhecimentos tradicionais sobre as atividades piscatórias (Santana Talavera, 1990; Bianchi and Santana Talavera, 2004).

A partir do título do livro “Pesca e Turismo: Etnografias da Globalização no Litoral do Atlântico Sul” cria-se uma expectativa inicial de que estes e outros pontos de tangência entre turismo e pesca serão abordados em profundidade na obra, dividida em três seções.

A primeira parte do trabalho, intitulada “Cultura e Comunicação”, contém cinco textos. O primeiro deles, de autoria de Carmen Rial, é uma releitura de suas investigações etnográficas realizadas na década de 1980, especialmente no que diz respeito à configuração do espaço social numa parte da Ilha de Santa Catarina (localizada no município de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, ao sul do Brasil), apontando como um certo isolamento insular – marcado por uma proeminência açoriana – já subsumia formas de sociabilidade em latência que mais tarde iriam ser modeladas através dos veículos de comunicação de massa e pela chegada de turistas e forâneos, processo que é atualizado na descrição etnográfica “Estranhos e estrangeiros: olhares sobre a mídia em Ganchos/Ganchos na mídia”, que retrata as aproximações entre o global e o local sob a perspectiva da interação midiática.

Já o artigo “Turismo e modernidade em tempos de globalização: o turismo e os turistas em Barra da Lagoa” trata mais propriamente da atividade que o nomeia, tanto em suas generalidades, enfatizando a praia como um espaço privilegiado de fruição turística, e suas co-relações como a modernidade e a globalização, quanto na sua dinâmica específica no contexto etnográfico na praia da Barra da Lagoa, temática igualmente eleita no trabalho “Práticas turísticas e mediação cultural em Florianópolis/SC”, que enfoca a apropriação do espaço local pelo turismo, ressaltando especialmente a importância dos “mediadores culturais” e das formas de dádiva e reciprocidade que intermediariam – revisando o esquema damattiano – as moralidades “da casa e da rua” nas relações entre turistas e locais, segundo os modos de relação que seriam estabelecidos entre visitantes e visitados.

O último texto deste bloco procura tratar, no mesmo campo etnográfico, das interações conflituosas entre surfistas “locais”, “haolis” (surfistas forasteiros) e pescadores, embora se detenha demasiadamente em aspectos alheios ao tema, como a história do surf mundial e no Brasil, e utilize recursos metafóricos abusivamente, relegando o tema proposto a apenas escassas páginas, ao final do texto.

O segundo bloco do livro – Gênero e Ge-

rações – conjuga quatro trabalhos que abordam sob distintas perspectivas a sociabilidade familiar no entrecho da Ilha de Santa Catarina. Em “Gente do mar e da terra: revisitando velhos textos e lugares de pesquisa”, Lago aponta algumas particularidades sociológicas que marcaram suas investigações na região há vinte anos atrás, enfocando sobretudo as relações entre gênero e trabalho, e as mudanças verificadas no campo ao longo do tempo, foco semelhante ao que se vê em “Crianças da Pesca: lembranças de uma pesquisa na Ilha de Santa Catarina”.

Os textos “Temporalidade pesqueira e espaços feminino e masculino em Ganchos” e “Masculinidades prescritas, interditas e relativizadas em um grupo de pescadores da Ilha de Santa Catarina” destacam-se no conjunto da obra pela sistematicidade e pelo rigor etnográfico. Em ambos são abordadas categorias temporais e espaciais, respectivamente nas localidades de Ganchos e de Dourado, a partir do rol de papéis sociais definidos no âmbito das unidades familiares e da divisão sexual do trabalho, sendo o último bastante elucidativo ao aportar a descrição de uma festa junina local onde é tradição o travestismo masculino, na assunção de um papel interdito no cotidiano que acaba por reforçar os próprios *loci* de homens e mulheres na referida comunidade, “a oposição autoridade masculina vs. poder feminino” (p. 152) num mundo social cadenciado pelos longos períodos de ausência dos homens nos seus lares, em função das demandas da pesca.

A última seção do livro, dedicada ao tema “Arte e Trabalho”, começa com o texto “Aparelhos de captura: uma re-abordagem teórica da experiência de campo com pescadores de bote a motor na Barra da Lagoa”, onde o autor concebe o trabalho da pesca como uma atividade que tangencia três fronteiras: a relação entre mercado e empresa; a produção social e cultural subjacente ao próprio labor da pesca; e um conjunto de ferramentas políticas para a manutenção do poder e da autoridade.

Além de articular teoria e etnografia com brilhantismo, o trabalho se destaca por apresentar uma aguda capacidade de análise ao perceber os mundos da economia, da política e da pesca inscritos dentro de uma perspectiva simbólica mais geral, como se

pode ver, por exemplo, na interpretação do autor a respeito da fala de um informante sobre a tainha, por este definido como “o bicho mais lascivo que tem no mar”:

“É interessante ver que o ‘eterno feminino’ aparece como tendo importância na pesca e outorgando a identidade e o temperamento a um peixe, a tainha, que protagoniza uma das principais safras da comunidade. Na apreciação [do informante] Valdeci sobre as características da personalidade da tainha, este peixe representaria um conjunto de qualidades e valores ideais ‘femininos’ que o próprio pescador reclama para si. A tainha é fundamentalmente ‘mandra’, por assim dizer, e opera como uma imagem no espelho do pescador. É ‘um objeto moral entre sujeitos morais’, como diz Marcel Mauss (1974). Identificada como um exemplar ‘nômico’, a tainha contamina o resto das espécies, outorgando-lhes uma potência simbólica positiva. Este conceito de peixe de caráter ‘lascivo’ – como disse Valdeci – deriva de uma identificação com certos traços culturais femininos, identificação que pude confirmar durante a encenação de uma peça de teatro do grupo de aposentadas e aposentados do Centro Comunitário de que Maria, mãe de Valdeci, participava ativamente. Nesta peça, as mulheres, fantasiadas de tainhas, ‘lutavam’, ‘pulavam’ e ‘fugiam’ quando eram cercadas por redes imaginárias seguradas por pescadores-atores”. P. 166-7.

Esta parte do livro contém, ainda, o texto “A Ilha da magia é só da ponte pra lá! O movimento hip-hop em Florianópolis”, que indica de que modo alguns segmentos urbanos da cidade desenvolvem estratégias comunicacionais baseadas no contraste entre a imagem turística da cidade e a realidade suburbana, e “Território e mobilidade: notas sobre a relação entre global e local em uma comunidade pesqueira” que, diferentemente dos demais trabalhos, descreve mudanças e permanências entre pescadores – e as tensões entre as tradições endógenas e as forças econômicas mais gerais – na localidade de São José do Norte, no Estado vizinho do Rio Grande do Sul. O apartado e o livro são encerrados com imagens etnográficas relativas aos trabalhos “Os Conquistadores do Mar: imagens de uma etnografia visual com pescadores da Barra da Lagoa, Florianópolis/SC” e “Masculinidades

prescritas, interditas e relativizadas em um grupo de pescadores da Ilha de Santa Catarina”.

De algum modo, a introdução da obra, “Caracterização cultural, econômica e social das comunidades pesqueiras da Grande Florianópolis”, dá a tônica geral do livro: aponta a estreita proximidade dos autores com a área investigada, por um lado, mas por outro demonstra uma circularidade auto-referenciada que dificulta uma melhor compreensão do campo.

De fato, para um leitor não familiarizado com a região lhe falta dados geográficos, mapas, auxílios gráficos que o situe no cenário etnográfico. Por exemplo, apenas na página 113 que se diz que a localidade de Ganchos hoje se conhece como Governador Celso Ramos. E em nenhum momento da parte introdutória do livro se explicita claramente onde se localizam as áreas pesquisadas.

Acredita-se que o espaço do livro poderia ser melhor aproveitado no sentido de que seria mais enriquecedor recuperar propriamente as etnografias ou as trajetórias metodológicas de investigação ao invés de lançar mão do recurso de retrospectivas sobre de que modo foi realizado tal ou tal trabalho, uma vez que dessa forma se perde o substrato original capturado no presente etnográfico e com isso a possibilidade de estabelecer paralelos com outros contextos sincrônicos, inclusive na mesma área investigada.

Considerando as expectativas iniciais geradas pelo título do livro, ao término da sua leitura se ressentia a ausência ou o aprofundamento de temas como os pontos de fricção entre a pesca e o turismo e as formas de conflito e acomodação social e, sobretudo, a falta de um tratamento teórico sobre o tema do turismo – ao que parece exagerado sua inclusão no título do livro, inclusive pela pequena quantidade de textos a ele dedicado –, sem o qual se perde a dimensão de sua penetrabilidade enquanto agente dinamizador de mudanças sociais no contexto local e simultaneamente mediador de forças globais mais gerais (Arrones, 1992; Simonicca, 2001; Smith and Brent, 2001; Sharpley and Telfer, 2002). Um exemplo disso se pode verificar na nota 9 da página 71: “‘Turismo’ é uma categoria êmica que designa o movimento de pessoas que

vão para Florianópolis por um período determinado com a finalidade de descanso, lazer”.

Sopesando a obra como um todo, vale ressaltar o pioneirismo apresentado por alguns autores ao tratar as comunidades haliêuticas na Ilha de Santa Catarina com uma ferramentaria teórica para além dos “estudos de comunidade”, então ainda em voga na década de 1980, abrindo-se à perspectiva da incorporação de forças sociais que seriam cada vez mais pautadas por agentes exógenos, como a chegada de forâneos, dos meios de comunicação de massa, de novas tecnologias, de turistas e de surfistas.

Se por um lado soa um tanto pretencioso o subtítulo “Etnografias da Globalização no Litoral do Atlântico Sul”, dada a limitação territorial onde foram desenvolvidas as investigações, por outro é este o grande mérito do livro, precisamente por apresentar uma série de trabalhos realizados numa mesma área em períodos e sob perspectivas e gerações de investigadores distintas, marcando o caráter processual não só do trabalho de campo em Antropologia como da própria dinâmica social investigada, especialmente em relação à construção simbólica do espaço e da territorialidade.

## Bibliografia

- Arrones, J.  
1992 *Los mitos del turismo*. Madrid: Endermion.
- Bergasa Perdomo, O.  
2004 “El Binomio “Turismo-Construcción” en la Gestión y Financiación de los Municipios Turísticos”. In: Álvarez Alonso, A., Hernández Hernández, J. y Simancas Cruz, M. (Coords.). *Turismo y Territorio en la Sociedad Globalizada*. La Laguna: Ayuntamiento de Adeje, Instituto Pascual Madoz del Territorio, Urbanismo y Medio Ambiente y Universidad Carlos III. P. 285-296.
- Bianchi, R, and Santana Talavera, A.  
2004 “Between the sea and the land: exploring the social organisation of tourism development in a Gran Canaria fishing village”. In: Boissevain, J. and Selwyn, T. (Orgs.). (2004). *Contesting the Foreshore: Tourism, Society and Politics on the Coast*. Amsterdam: Amsterdam University Press. P. 83-108.
- Cáceres Morales, E.  
2001 *Génesis y Desarrollo del Espacio Turístico en Canarias* (Una Hipótesis de Trabajo). Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Gobierno de Canarias.
- Galván Tudela, J. A.  
2002 *Espacio Dado, Espacio Imaginado: En Torno a la Globalización y las Identidades Pesqueras*. Separata del 14. Coloquio de Historia Canario-Americana. 2000. Las Palmas de Gran Canaria: Cabillo de Gran Canaria.
- Hernández Armas, R.  
1994 “Promotores Inmobiliarios, Planificación Institucional, Turistas y Locales: de la dualidad de usos y valoraciones a espacios interferidos (un ejemplo en el Sur de Tenerife)”. *Guize*. 1: 37-46.
- Vera Galván, J. R.  
1998 *El Turismo. Enciclopedia Geográfica de Canarias*. Santa Cruz de Tenerife: Editorial Insular. Capítulo XIII.
- Pascual Fernandez, J.  
2004 “Littoral Fishermen, Aquaculture, and Tourism in the Canary Islands: attitudes and economic strategies”. In: Boissevain, J. and Selwyn, T. (Orgs.). (2004). *Contesting the Foreshore: Tourism, Society and Politics on the Coast*. Amsterdam: Amsterdam University Press. P. 61-82.
- Pascual Fernández, J., Medina, J. y Modino, R.  
2005 “Reservas Marinas, Participación y Desarrollo Sostenible: ejemplos desde Canarias”. In: Pascual Fernández, J. y Medina, J. (Orgs.). (2005). *¿Protegiendo los Recursos? Áreas protegidas, poblaciones locales y sostenibilidad*. Sevilla: El Monte/FAAEE/Asociación Andaluza de Antropología. P. 45-62.
- Peralta, E.  
2003 “O Mar por Tradição: o património e a construção das imagens do turismo”. *Horizontes Antropológicos*. 9(20): 83-96.
- Santana Talavera, A.  
1990 “Turismo, Empleo y Dependencia Económica. Las Estrategias de las Unidades Domésticas en las Poblaciones Pesqueras (Gran Canaria)”. *Eres* (Antropología). 2: 25-38.

- Santana Talavera, A. y Pascual Fernández, J. J.  
2003 Pesca y Turismo: conflictos, sinergias y usos múltiples en Canarias. *Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*. PH 4. P. 86-97.
- Sharpley, R. y Telfer, D. J. (Eds.).  
2002 *Tourism and development: Concepts and issues*. Clevedon: Chanel View Publications.
- Simonicca, A.  
2001 *Antropologia del turismo: Strategie di ricerca e contesti etnografici*. Roma: Carocci.
- Smith, V. e Brent, M. (Eds.).  
2001 *Hosts and guests revisited: Tourism issues of the 21st century*. New York: Cognizant Communication.

*Recibido: 20 de noviembre de 2008*

*Aceptado: 21 de diciembre de 2008*

*Sometido a evaluación por pares anónimos*